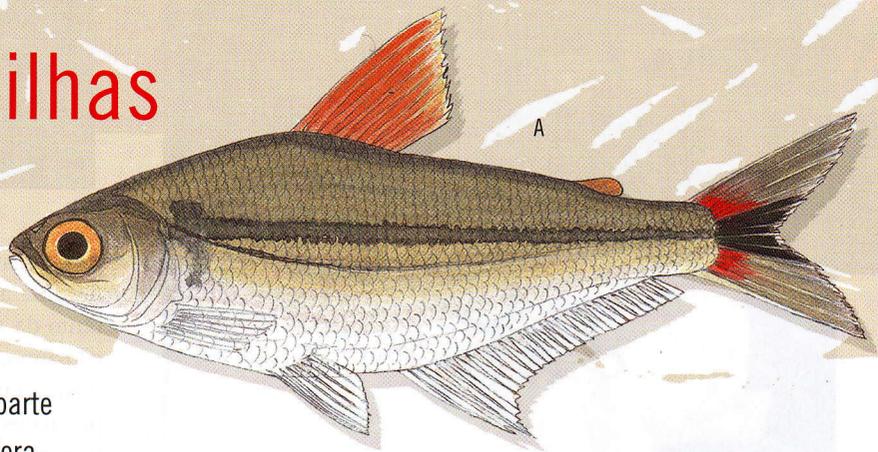


PESCA DOS POVOS TUCANOS

O uso de armadilhas no rio Tiquié



Na bacia do rio Negro, na Amazônia, grande parte da população é indígena, ribeirinha e pescadora. O peixe é o alimento básico da dieta, junto com produtos derivados da mandioca brava cultivada por essa população. O peixe tem significado relevante na cosmologia indígena, em especial pelas referências às origens comuns da 'gente peixe' e da humanidade, como tem sido registrado por estudos antropológicos. A pesca é praticada, pelos povos indígenas do rio Negro, de muitas formas, inclusive com o uso de armadilhas, e alguns desses instrumentos de pesca são o tema deste texto.

Aloisio Cabalzar

Instituto Socioambiental

Domingos Prado Marques (conhecedor tucano)

Flávio C. T. de Lima

Museu de Zoologia, Universidade Estadual de Campinas

Guilherme Pimentel Tenório (conhecedor tuiuca)

Lucas Alves Bastos (agente indígena de manejo ambiental, tucano)

Associação das Tribos Indígenas

do Alto Rio Tiquié (Atriart)

Roberval Pedrosa (agente indígena de manejo ambiental, tucano)

Associação das Comunidades Indígenas

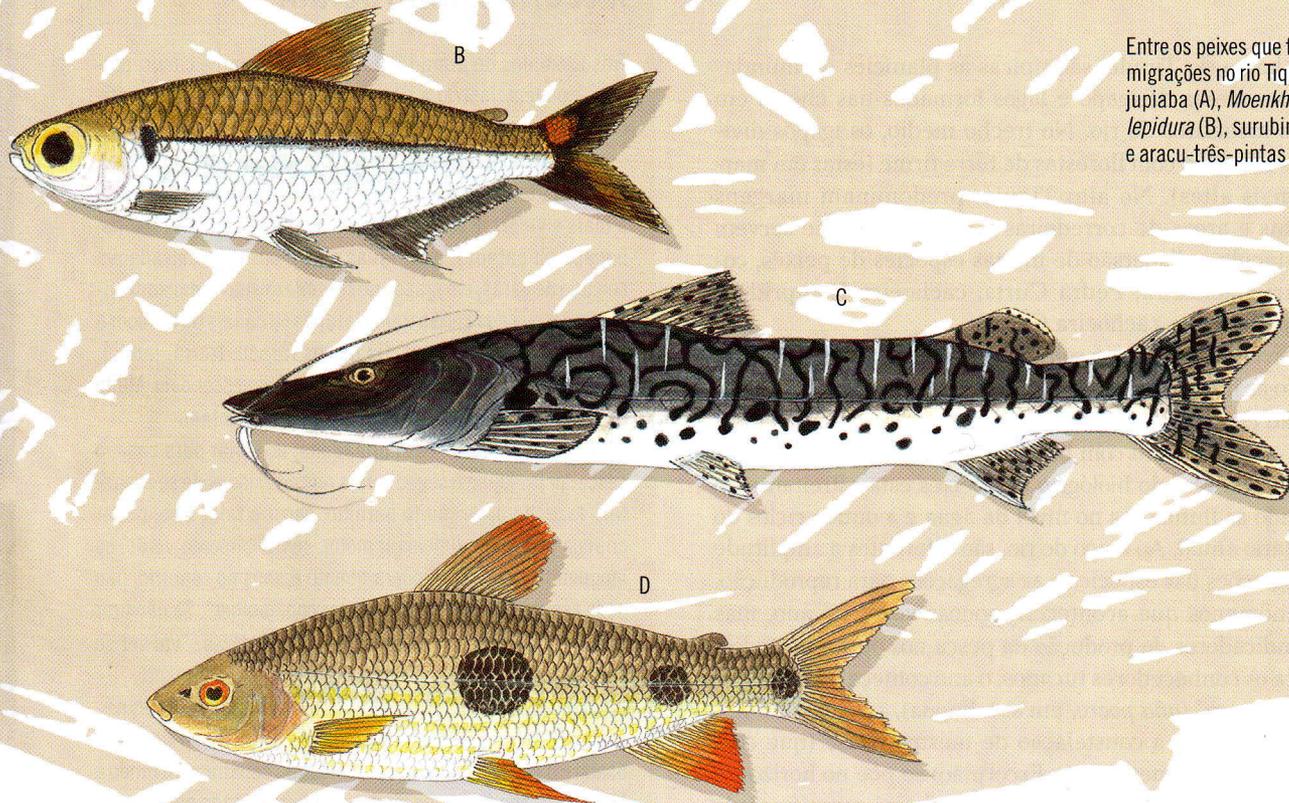
do Médio Rio Tiquié (Acimet)

Tarcísio Borges Barreto (conhecedor tucano)

A região do alto rio Negro se estende por Brasil, Colômbia e Venezuela. Nos dois últimos estão as nascentes, cabeceiras e o curso inicial dos principais rios que formam o rio Negro. No Brasil, eles ganham volume e largura e tornam-se navegáveis, até confluírem para o canal principal do Negro, formando a maior bacia de 'águas pretas' do mundo – essas águas têm coloração escura por conter certos compostos gerados na decomposição do húmus florestal. Essa bacia, no noroeste da Amazônia, drena vasta área de floresta tropical úmida. O alto rio Negro é uma das regiões de maior volume de chuvas do Brasil, com médias entre 2,9 mil e 3,6 mil mm por ano, segundo dados (de 1976) do Projeto Radam Brasil.

Essa área apresenta sérias limitações ecológicas, com solos e águas ácidos, pobres em nutrientes e de baixa produtividade, ou seja, pequena geração de matéria orgânica devido à reduzida presença de micro-organismos. As principais formações florestais são florestas de terra firme, igapós (florestas inundáveis) e caatingas amazônicas (ou campinaranas). Essas caatingas ocupam extensas áreas, mas têm solos ácidos e mal drenados, que restringem a prática da agricultura.

Essa região abriga, desde tempos pré-históricos, populações indígenas que vivem basicamente de agricultura, pesca, coleta de frutos e insetos e caça. Hoje, no lado brasileiro do alto e do médio rio Negro, existem cerca de 700 povoações indígenas, com mais de 20 mil habitantes, sem incluir os residentes nas cidades da região. Em



Entre os peixes que fazem migrações no rio Tiquié estão jupiaba (A), *Moenkhausia lepidura* (B), surubim (C) e aracu-três-pintas (D)

1997, o governo federal efetivou a demarcação de cinco terras indígenas contínuas na região, somando mais de 106 mil km². Esses fatores – a antiguidade da ocupação e sérias limitações ecológicas – levaram os povos que habitam essa região, segundo vários estudiosos, a longo processo de adaptação, durante o qual encontraram formas eficazes e sofisticadas de manejo da terra e de florestas, capoeiras, peixes e animais de caça.

Dentro dessa perspectiva, este texto enfoca aspectos do sistema de pesca de povos da região, orientado em observações permanentes dos ciclos de vida, das plantas (de igapós e da beira de rios) e dos peixes (em especial quanto à migração e à reprodução), e em referências como o nível dos rios, o calendário astronômico e outras. Serão apresentadas informações sobre os povos da família linguística Tukano Oriental do rio Tiquié, um dos mais povoados da área.

Povos do rio Tiquié Com cerca de 374 km, dos quais 321 correndo no Brasil, o rio Tiquié tem suas nascentes em território colombiano. É habitado por cerca de 4 mil pessoas, de vários grupos indígenas das famílias linguísticas Tukano Oriental e Maku. Destacam-se os tucanos, desanas, tuiucas, hupdas e miriti-tapuias. A língua dos tucanos, grupo de maior população, é usada como língua franca em toda a bacia do Tiquié.

A ênfase ribeirinha dos povos do grupo Tukano Oriental faz desse rio a principal referência espacial, como via de deslocamento e comunicação regional. Mo-

radores de diferentes trechos do rio mantêm antigas relações de troca. Contribuem para isso a maior produção da pesca no baixo curso do rio, onde há extensos igapós e muitos lagos, e a maior produção de farinha e outros derivados da mandioca brava nos trechos médio e alto, com mais terras cultiváveis. Relações matrimoniais reforçam as trocas: em geral, os casamentos devem ser feitos entre cônjuges de diferentes grupos linguísticos.

Os povos do grupo Tukano Oriental, agricultores e pescadores, exploram recursos mais concentrados. Já os povos Maku ocupam áreas entre os rios da região e vivem mais de caça e coleta, mas nas últimas décadas têm praticado mais a pesca, substituindo parcelas dos tucanos que migraram para as cidades ou outras regiões.

Ciclo anual e pesca Rios de água preta apresentam baixíssimo conteúdo mineral e reduzida produção biológica primária (como mostraram Michael Goulding e outros em 1988), se comparadas aos rios de águas barrentas. As matas de igapó, que sofrem inundações periódicas, são as áreas mais produtivas desses rios, e os peixes as procuram em busca de frutos, flores, insetos e outros alimentos ali disponíveis. Vários estudiosos, entre eles Goulding e Chernela, destacaram a inter-relação entre ciclo de vida dos peixes, árvores frutíferas das beiras de rios e igapós e o regime de cheias e vazantes. Sabendo desse movimento dos peixes, as populações indígenas colocam alguns tipos de armadilhas nos canais dos igapós ou igarapés para capturá-los.

No baixo rio Tiquié, são típicas as planícies de inundação, com matas de igapó e lagos formados nas cheias em antigos meandros do rio. No trecho médio, os igapós dividem as margens com florestas de terra firme (estas em margens mais altas). No alto Tiquié, predominam margens abruptas e áreas de corredeiras e cachoeiras, que servem de obstáculo à dispersão de muitas espécies de peixes, como Pari-Cachoeira, Pedra Curta, cachoeira Comprida e principalmente a cachoeira Caruru.

O nível do rio Tiquié sofre variações extremas, acompanhando as intensas chuvas características da região. As estações são curtas e pouco marcadas, e os ‘conhecedores indígenas’ as identificam com base em referências astronômicas e ecológicas. O ciclo biológico dos peixes está estreitamente associado às flutuações no nível da água e a outros ciclos do calendário anual. Ao longo do rio, são diferentes a amplitude das migrações das espécies e as agregações para reprodução. São fenômenos que acontecem poucas vezes no ano, mas bons indicadores de produção da pesca nos outros períodos.

Para os conhecedores tucanos, o ano começa na ‘enchente de jararaca’ (*aña poero*, em sua língua), no início de novembro, quando a constelação de mesmo nome (que corresponde parcialmente à do Escorpião) se põe no horizonte oeste no começo da noite. Chuvas e cheias repentinas do rio se alternam com períodos de estiagem curtos (de poucos dias a um mês) entre novembro e abril. É como uma primavera, tempo de reprodução de peixes, insetos e anfíbios, de floração e frutificação de vegetais, e de rituais que celebram essa fase do ciclo anual.

Nessa época ocorre o ajuntamento (*wai turiratia wese*) e a desova (*wai turise*) de peixes como os que os tucanos chamam de *yuku botea* (aracu-de-pau, *Leporinus klausewitzii*), *botea niti peritigu* (aracu-três-pintas, *Leporinus friderici*), *botea niti maritigu* (aracu-riscado, *Leporinus agassizi*) e *akoroa* (curimatídeos como *Cyphocharax multilineatus*, *Cyphocharax spilurus* e *Curimatella alburna*). Os picos de desova dessas espécies acontecem no final desse período, quando chove muito e o nível do rio sobe, mantendo-se cheio de maio a julho.

Os pescadores tucanos e tuiucas conhecem locais e horários onde esses peixes fazem as agregações reprodutivas. As espécies sobem o rio nos dias em que o volume deste aumenta de modo gradual e constante, após pesadas chuvas na parte alta da bacia (se o volume para de subir, a agregação é interrompida). Após a reprodução, os cardumes descem gradualmente para áreas de igapó no médio e no baixo rio Tiquié (essa migração temporária é chamada de *wai buruse* em tucano).

Entre a metade e o final da estação de cheias, cardumes de peixe de muitas espécies migram rio acima (*wai wamuse*). Os ‘conhecedores’ tucanos sabem os momentos e a ordem em que elas fazem a migração, e com base nesse saber realizam seus esforços de pesca.

Se a estação de cheia é bem definida (quando o rio permanece alto por período prolongado a partir de abril), os

A TECNOLOGIA TUCANA

Três exemplos de armadilhas – matapi, jequi e cacuri portátil – podem ilustrar a riqueza do manejo ambiental praticado por esses povos indígenas.

O matapi (*kasawu*, para os tucanos), de formato cônico, com entrada em forma de funil e fundo estreito e amarrado, é a mais simples. É feito com talas de palmeiras (paxiubinha, bacaba ou patauá), amarradas com cipós. É encaixada em cercado de varas, em igapós de correnteza suave, em ambientes de desova dos peixes e em igarapés ou canais do rio, com a boca a favor da corrente. Os peixes (aracu, traíra, jandiá, mandí, jacundá, acará e outros) entram ao descer o rio. Muito usado nas piracemas, quando os peixes se juntam.

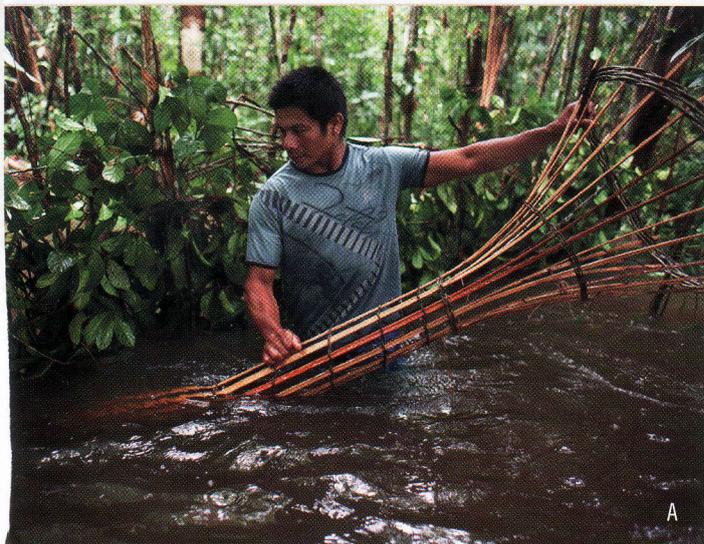
Depois de montar essa armadilha, ao voltar para casa, o pescador faz jejum e segue certas regras: “não pode se assustar, fazer ou ouvir muito barulho, sorrir e falar alto, pegar criança chorando, funcionar motor, comer pimenta verde, só moqueada, beber manicuera quente e, mesmo com frio, não pode esquentar no fogo, nem deitar com mulher”. Se não fizer assim, como explica o tucano Roberval Pedrosa, “vai ver se pega alguma coisa pra ti!”

O jequi (*bukawu*) pode ter diferentes tamanhos (comprimento e circunferência), dependendo do local em que será usado e das espécies visadas. Tem forma cilíndrica e o fundo é fechado. A abertura, que lembra um funil voltado para dentro do cilindro, permite a entrada do peixe, mas impede sua saída. É feito com talas de palmeiras, amarradas com cipó. É usado contra a corrente: o peixe entra quando sobe o rio. Jequis grandes são usados em cachoeiras e correntezas, muito eficazes quando os peixes tentam subir as cachoeiras, nas migrações. Nas cachoeiras de Pari e Caruru, são capturadas até centenas de aracus em julho e agosto. Jequis menores, com iscas no interior (em geral frutos), são usados em igarapés, sempre encaixados em cercados de varas. Quando é confeccionado, é necessário seguir as mesmas restrições de dieta e comportamento descritas para o matapi.

O cacuri portátil (*imirô*), bem leve, serve para pegar peixes pequenos. Estes entram por um orifício, atraído por algum alimento (em geral, cupins) que fica boiando dentro do aparelho. Como tem paredes circulares, os peixes são desviados da entrada e, assim, esta não serve de saída. É feito com talinhas de paxiubinha, patauá ou bacaba, trançadas com cipó. No fundo é usado um trançado de cipó, aproveitado de algum cesto comum.

É colocado perto da beira do rio, amarrado a um galho ou um pau fixado na margem, e ao menos dois terços da armadilha ficam mergulhados. Um graveto mantém aberta a entrada do meio da armadilha, e uma faixa de folha de buriti ou de açai, presa nas laterais, junto à superfície, impede que os cupins (a isca flutuante) vaze entre as talas. As piabas (em tucano, *yora*, *wena*, *mikia* etc.) entram para comer os cupins e não conseguem sair, assim como o peixe-cachorro (*ñasowi*), que entra para consumir as piabas. Usado também em igapós, é muito eficaz – até nos portos das comunidades – na época da subida dos peixes (julho e agosto).





A



B



C

Roberval Pedrosa, tucano, encaixando matapi no cercado em igapó próximo à comunidade de Serra de Mucura (A); Domingos Marques, tucano, finalizando a confecção de jequi para ser colocado na cachoeira Cururu, perto de sua comunidade (B) e Tarcísio Barreto, tucano, colocando *imirõ* na beira do rio, perto da comunidade de São Domingos (C)

peixes sobem em maior número. Do contrário, as migrações são pouco intensas e a abundância de peixe nos outros meses do ano também é menor. Em anos mais produtivos, a migração é tão grande que os peixes são capturados facilmente diante das comunidades, com uma armadilha leve e portátil (o *imirõ*), mas também com puçás, redes diversas e até mosquiteiro de filó.

O conhecimento detalhado da ecologia das espécies de peixes e da geografia ribeirinha orienta a colocação dessas armadilhas. Algumas se aplicam apenas a certos eventos do ciclo anual e a locais determinados (cachoeiras, igapós ou canais estreitos dos rios, por exemplo). Alguns tipos são dispostos a favor da correnteza e outros contra esta. Muitas são feitas de modo que os peixes entrem, mas não consigam sair.

Na migração rio acima, cachoeiras e corredeiras são os principais obstáculos dos cardumes. A maioria pode ser transposta por alguns canais, dependendo do nível do rio. Apenas a cachoeira Caruru, mais alta e já no alto Tiquié, impede a passagem da grande maioria das espécies. No esforço de ultrapassar as cachoeiras, os peixes são capturados com diversas armadilhas.

Em muitas ocasiões, os tucanos usam cercados, geralmente feitos de paus e varas fixados no fundo do rio ou nas pedras das cachoeiras, com aberturas nas quais são encaixadas as armadilhas. Estas têm vários nomes – jequi, cacuri, caíá, matapi e outros – e são montadas com talas de diferentes plantas, amarradas em geral com cipós. Algumas armadilhas são fixas, outras podem ser colocadas e retiradas de acordo com as condições do rio, como matapi, jequi e *imirõ* (ver ‘A tecnologia tucana’).

As armadilhas, ao mesmo tempo em que são soluções tecnológicas de pesca dos povos tucanos, representam, no plano das concepções, formas de mediar as relações entre ‘gente’ e ‘gente peixe’. Por isso, são benzidas ao serem construídas, e os indígenas projetam nesses aparelhos aspectos importantes dessas relações. Nas palavras do tucano Vicente Azevedo, “a gente peixe tem coração, como nós”. Gente peixe, completa, “significa gente como nós”. Mas este é assunto para outro artigo. **CH**

Sugestões para leitura

- CABALZAR, A. (org.) *Peixe e gente no alto rio Tiquié. Conhecimentos indígenas, ictiologia, etnologia*. São Paulo, Instituto Socioambiental, 2005.
- CHERNELA, J. ‘Tukanoan fishing’, em *National Geographic Research & Exploration*, v. 10(4), p. 440, 1994.
- GOULDING, M. e outros. *Rio Negro. Rich life in poor water*. Haia, SPB Academic Publishing, 1988.
- KOCH-GRÜNBERG, T. *Dos años entre los indígenas*. Bogotá, Editorial Universidad Nacional, 1995.
- RIBEIRO, B. e LANA, L. ‘O ciclo dos peixes do rio Tiquié’, em *Ciência Hoje*, especial Amazônia, p. 18, 1991.